



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 01



BRUXARIA E WICCA

Raízes, história e caminhos

Conhecer o chão antes de iniciar a jornada

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





Quando a palavra abre um caminho

Antes de acender uma vela ou preparar um altar, precisamos reconhecer o chão sobre o qual desejamos caminhar. A palavra Bruxaria reúne histórias, imagens, práticas e conflitos que não cabem em uma definição única. Aproximar-se dela exige curiosidade, mas também disposição para abandonar certezas que talvez tenham chegado até nós antes do estudo.

Esta primeira etapa apresenta a formação da Wicca e suas principais expressões. Conhecer esse percurso ajuda a distinguir a antiguidade dos símbolos da organização moderna de uma religião. Uma espiritualidade pode dialogar com heranças antigas e, ao mesmo tempo, assumir que sua forma atual nasceu de encontros, escolhas e transformações recentes.

Nosso percurso começa pelas diferentes dimensões da Bruxaria, atravessa os movimentos que favoreceram o nascimento e a expansão da Wicca e chega aos paradigmas tradicional britânico, diânico e eclético. Ao final, será possível compreender melhor o lugar de uma tradição contemporânea de transmissão pública e a legitimidade de uma jornada solitária.

Leia com atenção às diferenças entre acontecimento histórico, hipótese sobre o passado e interpretação religiosa. Essas perspectivas podem conversar, mas não são equivalentes. O estudo amadurece quando conseguimos reconhecer o valor simbólico de uma narrativa sem exigir que ela funcione como prova histórica.

Nesta apostila não há um exercício formal a executar. A preparação prática e os exercícios numerados aparecerão nas etapas seguintes, em sua ordem própria. Por enquanto, o convite é conhecer a diversidade da Arte e permitir que esse conhecimento torne sua escolha mais consciente.

Percurso de leitura · Bruxaria e imaginário: pp. 3-4 · Formação e expansão: pp. 5-8 · Paradigmas da Wicca: pp. 9-11 · Continuidade dos estudos: p. 12 · Referências: p. 13





Bruxaria: uma palavra, muitas dimensões

Bruxaria pode nomear um ofício mágico, uma identidade religiosa, uma construção do imaginário ou uma acusação dirigida a alguém. O sentido depende de quem fala, da época e da cultura em que a palavra é utilizada. Por isso, compreender a Bruxaria exige olhar para suas dimensões históricas, antropológicas, folclóricas, psicológicas e sociais, além da experiência espiritual de seus praticantes.

A expressão inglesa *witchcraft* remete ao ofício das bruxas. Já Wicca se tornou o nome de uma religião moderna que se reconhece como Bruxaria. Esse nome se relaciona a termos do inglês antigo associados à bruxa e ao bruxo. Nesta formação, quando Bruxaria e Wicca aparecem próximas, o foco é a Bruxaria religiosa wiccana; outros usos precisam ser compreendidos em seus contextos.

Essa aproximação não esgota o universo da Bruxaria religiosa. Há caminhos que se reconhecem como Bruxaria e não pertencem à Wicca. Também existem práticas de feitiçaria e magia popular sem vínculo com uma identidade wiccana. Saber distinguir essas possibilidades evita transformar uma expressão particular em medida de todas as outras.

O olhar antropológico encontra crenças sobre feitiçaria e agentes mágicos em diferentes povos e períodos. Reuniões noturnas, encantamentos, atribuições de poder e suspeitas de malefício reaparecem em contextos distintos. A recorrência desses temas permite comparações, mas não significa que todas as culturas compartilhem uma única religião das bruxas.

No folclore, encontramos rezas, símbolos, histórias, costumes e pequenos ritos que atravessam gerações. Algumas dessas práticas são interpretadas como heranças ou reelaborações de mundos pagãos. Elas ajudam a compreender a riqueza da magia popular e mostram que uma prática pode sobreviver culturalmente mesmo quando seu significado religioso se transforma.

Aprender a reconhecer essas dimensões é um primeiro gesto de discernimento. A Bruxaria vivida por alguém, a bruxa narrada em um conto e a pessoa acusada de provocar uma desgraça podem ocupar lugares muito diferentes, embora sejam reunidas sob a mesma palavra.





A bruxa no imaginário e na perseguição

Caldeirões, vassouras, encontros secretos e noites povoadas por forças misteriosas compõem o imaginário da Bruxaria. Essas imagens podem ser acolhidas poeticamente pelos praticantes modernos, mas também participaram de narrativas usadas para justificar perseguições. O símbolo que hoje encanta pode carregar a memória de uma acusação que, em outro contexto, condenou.

Na Europa, especialmente entre o fim da Renascença e o início da Modernidade, a bruxa foi representada como ameaça à sociedade, à família e à moral cristã. A associação com o diabólico ajudou a construir uma figura inimiga, supostamente responsável por destruir uma ordem considerada legítima. A perseguição tinha dimensões religiosas, políticas e sociais.

Podemos aproximar esse mecanismo de narrativas estigmatizantes que circulam no presente, inclusive por meio de notícias falsas. Quando uma imagem de perigo é repetida sem exame, ela pode tornar aceitável a violência contra pessoas ou grupos. Estudar a Bruxaria também permite pensar as disputas de identidade, classe, poder e pertencimento que atravessam uma sociedade.

Há contextos em que acusações de feitiçaria transformam alguém em bode expiatório de doenças, perdas de colheitas ou desastres. Esse mecanismo também aparece em perseguições em algumas regiões africanas, por vezes atravessadas por influências cristãs fundamentalistas. Isso deve ser entendido sem generalizar um continente diverso ou reduzir suas culturas a uma única realidade.

A acusação de Bruxaria e a identidade de quem escolhe ser bruxa ou bruxo não são a mesma coisa. A primeira pode ser imposta por medo e hostilidade; a segunda pode expressar uma relação consciente com a religião, a magia e a natureza. Confundir esses lugares apaga tanto a experiência dos praticantes quanto a violência sofrida por pessoas acusadas.

A história não nos pede que abandonemos o encanto. Pede que saibamos o que fazemos com ele. Recuperar uma imagem de bruxa pode significar reivindicar liberdade, mas essa reivindicação ganha profundidade quando conhece os conflitos que também constituíram seu imaginário.





Antes de Gardner: o solo de uma religião

A Wicca não apareceu em um terreno vazio. No século XIX, o romantismo, o ocultismo e o interesse por tradições antigas favoreceram novas leituras sobre o paganismo e a Bruxaria. Escolas esotéricas, práticas de magia e movimentos de contestação cultural ofereceram linguagens que mais tarde participariam da formação da religião.

Jules Michelet, com *A Feiticeira*, Charles Godfrey Leland, com *Aradia: O Evangelho das Bruxas*, e Margaret Alice Murray, com seus estudos sobre um suposto culto das bruxas, contribuíram para imaginar a Bruxaria como sobrevivência de uma religião anterior ao cristianismo. Suas propostas tiveram diferenças, mas alimentaram um horizonte comum de interesse por uma espiritualidade das bruxas.

Murray sustentou a hipótese de um culto pagão organizado que teria sobrevivido clandestinamente e sido perseguido como Bruxaria. Essa narrativa ofereceu uma explicação sedutora: sob as acusações e os relatos de perseguição, poderia existir uma antiga religião cuja continuidade permanecera escondida.

É necessário considerar os limites históricos dessas propostas. As teorias de Murray foram amplamente contestadas e não devem ser tomadas como comprovação de uma linhagem religiosa secreta e contínua. Também as narrativas mobilizadas pelos demais autores pedem leitura crítica. Influência sobre o imaginário religioso não equivale a rigor historiográfico.

Ainda assim, uma hipótese pode exercer grande influência mesmo quando não se sustenta como explicação histórica. Esses escritos ofereceram imagens, personagens e possibilidades aos românticos, ocultistas e esoteristas. A ideia de uma religião das bruxas tornou-se um solo fértil para a construção de práticas e identidades modernas.

Esse conjunto de antecedentes constitui o primeiro movimento do percurso apresentado aqui: o momento pré-gardneriano. Conhecê-lo ajuda a entender como a Wicca herdou um imaginário e o transformou em experiência religiosa organizada. Suas raízes incluem tanto referências antigas quanto interpretações modernas sobre essas referências.





Gerald Gardner e a organização da Wicca

Gerald Gardner ocupa um lugar central na formação da Wicca. Entre 1939 e 1954, o percurso de sua atuação permite situar o surgimento público da religião no século XX. Esse recorte não pretende encerrar sua história: a Wicca continuou a ser transmitida, interpretada e recriada por seus praticantes.

Gardner afirmou ter sido iniciado, em 1939, por um coven de New Forest, na Inglaterra, que preservaria uma Bruxaria antiga. Essa é a narrativa que ele apresentou sobre sua própria experiência. Ela precisa ser lida em diálogo com as investigações históricas e com a influência que a hipótese de Murray exerceu sobre o ambiente intelectual e religioso de sua época.

A formação de Gardner, suas viagens, seu trabalho como funcionário público britânico no Oriente e os contatos com outras culturas fizeram parte do repertório a partir do qual ele pensou a Arte. Seu envolvimento com escolas esotéricas e mágicas também ajuda a compreender a presença de elementos do ocultismo e da magia cerimonial na religião que organizou.

É possível que o material inicialmente recebido por Gardner fosse fragmentário e tenha exigido reunião, elaboração e estruturação. Nesse processo, Doreen Valiente foi uma colaboradora fundamental para a composição de um sistema mais coeso. A organização da Wicca deve, portanto, ser compreendida por meio dessas relações e contribuições.

O ano de 1951 marca a revogação da legislação britânica contra a Bruxaria mencionada nesse percurso. Em 1954, Gardner publicou *A Bruxaria Hoje* e tornou pública a existência da Bruxaria Moderna. Sua apresentação inicial adotava a posição de quem descrevia o culto; a identificação pública como participante veio posteriormente.

Gardner não se apresentou como inventor de uma religião. Afirmou receber e transmitir um saber antigo. Reconhecer essa autodescrição, sem tratá-la automaticamente como prova de continuidade histórica, permite compreender o segundo movimento: a formação gardneriana, tanto como tradição específica quanto como processo de organização da Wicca moderna.





A expansão: contracultura e novas vozes

Uma religião transmitida por pessoas não permanece imóvel. Após a morte de Gardner, na década de 1960, seus iniciados e outros praticantes ampliaram seu legado. A Wicca atravessou fronteiras, encontrou novos ambientes e passou a responder a questões que não eram idênticas às de sua formação britânica.

Raymond Buckland, iniciado na tradição de Gardner, levou a Wicca aos Estados Unidos. A partir desse encontro, a religião encontrou um cenário especialmente favorável à expansão no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970. Esse é o terceiro movimento considerado em nossa sequência de estudos.

O feminismo, a ecologia, a liberdade sexual e a contestação das religiões dominantes atravessavam a contracultura. Uma espiritualidade que reconhecia o sagrado na natureza e atribuía centralidade à Deusa pôde conversar intensamente com essas demandas. O diálogo também transformou a forma de pensar comunidade, ritual, corpo e poder.

Starhawk e Zsuzsanna Budapest são nomes destacados nesse processo. Suas contribuições ajudaram a aproximar a Bruxaria das questões políticas, da espiritualidade feminina e da militância. Isso não significa que tenham desenvolvido propostas idênticas; significa que novas vozes passaram a disputar e ampliar os sentidos da Arte.

A dimensão política não aparece como um elemento inteiramente alheio à religião. Traços contraculturais já estavam presentes em sua formação. Contudo, o encontro com os movimentos norte-americanos tornou mais explícitas determinadas relações entre experiência espiritual, emancipação, organização coletiva e transformação social.

Ao se expandir, a Wicca ganhou diferentes interpretações sobre a Deusa, o Deus, o sacerdócio e a prática. A diversidade que hoje encontramos não nasceu apenas de divergências posteriores: ela também expressa a capacidade de uma religião de estabelecer relações com os lugares e as pessoas que a acolhem.

Esse movimento recorda uma característica importante da transmissão: receber uma herança não impede transformá-la. A continuidade de um caminho pode ocorrer tanto pela preservação de suas formas quanto pela elaboração de novas respostas às experiências de quem o vive.





A quarta onda e a prática solitária

A partir dos anos 1990, com maior força nos anos 2000, a Wicca alcançou uma circulação mundial mais ampla. Podemos compreender esse processo como uma quarta onda. Trata-se de uma forma de organizar a leitura de sua expansão, e não de uma classificação definitiva compartilhada por todos os estudiosos ou praticantes.

No Brasil, essa fase trouxe forte influência norte-americana, com referências ecléticas, politizadas e voltadas à autonomia do indivíduo. O princípio do fazer por si mesmo ganhou espaço, enquanto ainda havia poucos grupos organizados no país. O acesso ao conhecimento favoreceu pessoas que desejavam viver a religião sem depender de um coven.

A prática solitária passou a ocupar um lugar mais visível. Nela, o praticante estuda, organiza sua rotina e estabelece uma relação pessoal com as divindades e os ritos. Isso altera o modo de transmissão, mas não elimina a necessidade de preparo. A autonomia amplia a responsabilidade sobre aquilo que se escolhe fazer.

A exigência de uma iniciação recebida em grupo deve ser compreendida dentro de modelos específicos. A estrutura de covens e linhagens recebeu a influência de escolas esotéricas e organizações iniciáticas, como a Golden Dawn, a Maçonaria e a Rosa-Cruz. Essas referências participaram do ambiente que marcou a organização gardneriana.

Em contraste, muitos grimórios e práticas mágicas históricas não pressupunham pertencimento a uma linhagem ou a um grupo. Buckland também relaciona a imagem do coven à influência da teoria de Murray. A figura folclórica da bruxa, frequentemente isolada ou marginalizada, não deve ser confundida automaticamente com a estrutura religiosa moderna.

Hoje, a religião pode ser vivida em tradições com linhagens, covens e hierarquias ou em caminhos solitários. Reconhecer essas possibilidades exige compreender os critérios de cada proposta. Escolher a prática solitária significa assumir a condução da própria experiência e reconhecer que o conhecimento precisa se tornar vivência.





Diversidade e Wicca Tradicional Britânica

Não existe unanimidade entre os wiccanianos sobre uma definição universal de sua religião. Há fundamentos, símbolos e práticas que permitem reconhecê-la no campo pagão, mas sua interpretação varia entre tradições e praticantes. A diversidade exige cuidado: uma descrição válida para um caminho pode não representar todos os outros.

Para orientar o estudo, distinguimos três grandes paradigmas: a Wicca Tradicional Britânica, a Wicca Diânica e a Wicca Eclética. Essa divisão oferece um mapa inicial. Sua função é tornar as diferenças compreensíveis, sem supor que a realidade caiba integralmente em três categorias.

A Wicca Tradicional Britânica está associada, neste percurso, aos nomes de Gerald Gardner e Alex Sanders. É o paradigma estruturado mais antigo entre os três apresentados. A linhagem iniciática e a transmissão formal dos ritos ocupam um lugar central, ao lado de influências da magia cerimonial.

Sua organização ocorre em covens, com lideranças, funções e uma estrutura de treinamento. O pertencimento não se estabelece apenas pela identificação com ideias gerais: envolve uma forma particular de transmissão, aprendizagem e ingresso. A linhagem expressa o vínculo com o processo iniciático recebido e continuado.

A formalidade ritual e a hierarquia não esgotam a experiência espiritual de seus membros. Também existe espaço para uma vivência fluida, orientada pelos mitos, ritos e princípios do caminho. Uma estrutura definida pode oferecer sustentação para experiências que permanecem pessoais e profundas.

Ao estudar esse paradigma, é necessário distinguir o valor de sua proposta dos critérios de outras expressões wiccanas. Uma tradição de linhagem pode exigir iniciação para seu pertencimento específico. Isso não resolve, por si só, a questão de como todos os demais caminhos da Wicca devem organizar sua prática.

O discernimento nasce quando compreendemos as diferenças sem transformá-las imediatamente em uma competição de legitimidade. A escolha de um caminho precisa considerar tanto seus fundamentos quanto a forma concreta de compromisso que ele solicita.





Wicca Diânica: a centralidade da Deusa

O paradigma diânico coloca a Deusa no centro da experiência religiosa, mas reúne propostas diferentes. Para introduzir esse universo, conheceremos duas vertentes principais: a Diânica radical associada a Zsuzsanna Budapest e a Diânica de McFarland. Conhecer a diferença entre elas evita tratar toda expressão diânica como uma organização única.

Na vertente radical apresentada, o culto se dirige exclusivamente à Deusa e ao feminino, em uma prática organizada para mulheres. A Bruxaria é compreendida como espiritualidade essencialmente feminina. Essa perspectiva dialoga com a recuperação do protagonismo das mulheres no espaço religioso e com questões que atravessaram os movimentos feministas.

A formulação segundo a qual a Bruxaria poderia existir sem homens, mas não sem mulheres, expressa essa compreensão particular. Ela precisa ser situada dentro da vertente que a utiliza, em vez de ser tomada como definição geral da religião Wicca ou da Bruxaria em todas as suas manifestações.

A Diânica de McFarland, por sua vez, reconhece a relação entre a Deusa e o Deus. A Deusa permanece como figura central, enquanto o Deus é compreendido como consorte e ocupa uma posição coadjuvante. Há uma organização das relações divinas diferente daquela apresentada na vertente radical.

Homens podem participar dessa proposta, respeitando o protagonismo da Deusa. A diferença não se limita à composição dos grupos: envolve a maneira de compreender o sagrado e a relação entre suas expressões. Por isso, identidade diânica e exclusividade feminina não devem ser utilizadas como sinônimos automáticos.

Essas vertentes mostram como um mesmo foco devocional pode produzir formas diversas de comunidade e ritual. Também recordam que as escolhas religiosas se relacionam com leituras sobre corpo, gênero, história e poder. O estudo pede atenção ao contexto em que cada proposta foi formulada.

Compreender esse paradigma é reconhecer uma contribuição importante para a pluralidade wiccana. Seu lugar nesta formação é o de ampliar o conhecimento dos caminhos, para que a escolha espiritual se apoie em compreensão e não apenas em rótulos.





Wicca Eclética: autonomia e composição

A Wicca Eclética se caracteriza pela abertura a diferentes influências e pela ausência de exigência de uma linhagem iniciática formal como fundamento geral do caminho. Ela pode reunir referências da Wicca Tradicional Britânica, das propostas diânicas e de outros sistemas espirituais, elaborando uma prática própria.

Nesse paradigma, a transmissão não depende necessariamente de um coven hierarquizado ou de um único roteiro ritual. O praticante pode desenvolver sua vivência de maneira autônoma, escolhendo referências e organizando seus estudos. É um contexto em que a prática solitária e o princípio do fazer por si mesmo encontram amplo espaço.

A liberdade de composição solicita discernimento. Conhecer o significado de um símbolo, a origem de uma prática e sua relação com os demais elementos é parte da responsabilidade de quem organiza o próprio caminho. Uma prática pessoal amadurece quando suas escolhas podem ser compreendidas e vividas com coerência.

Esse paradigma possibilitou a existência e a organização de tradições como a de Taliesin. A ausência de dependência de uma linhagem formal permite elaborar uma identidade contemporânea, com um corpo de conhecimentos e uma proposta de formação compartilhada.

Uma tradição situada nesse campo pode oferecer uma liturgia e uma sequência de estudos próprias. A abertura eclética não obriga a abandonar toda estrutura. No caminho taliesiniano, a estrutura serve de apoio para a experiência e para a inspiração, enquanto a soberania do praticante permanece um princípio de sua jornada.

Também não se deve confundir autonomia com isolamento obrigatório. Uma pessoa pode praticar sozinha, caminhar em parceria ou participar de uma comunidade. O ponto decisivo é compreender como cada organização se relaciona com sua liberdade, sua responsabilidade e a proposta espiritual escolhida.

A diversidade da Wicca permite que diferentes pessoas encontrem formas de viver o sagrado. Mas encontrar uma forma não encerra o trabalho: é preciso habitá-la. A prática pede tempo, estudo e disponibilidade para reconhecer o que a experiência transforma em nós.





Escolher um caminho com consciência

Ao chegar até aqui, podemos reconhecer a Wicca como uma religião moderna formada em diálogo com heranças pagãs, narrativas sobre a Bruxaria, correntes do ocultismo e transformações culturais. Sua história inclui a organização gardneriana, a expansão contracultural e as formas contemporâneas de autonomia religiosa.

Esse percurso ajuda a distinguir continuidade simbólica de continuidade histórica comprovada. Um símbolo antigo pode encontrar uma nova função em um rito moderno. Uma narrativa pode inspirar uma experiência sem demonstrar a existência de uma linhagem ininterrupta. Essa distinção preserva o senso crítico e permite que o encontro com a Arte permaneça consciente.

A Tradição de Taliesin pertence a esse universo plural. Sua proposta pode ser compreendida no campo eclético, com identidade própria e um percurso organizado de estudos e práticas. O aprofundamento de sua história, dos princípios e do compromisso com a Arte será desenvolvido na próxima apostila.

Conhecer um caminho não exige aderir a ele imediatamente. O estudo oferece elementos para perceber se sua proposta corresponde àquilo que você busca e àquilo que está disposto a viver. Uma decisão espiritual amadurece quando pode ser revisitada, examinada e sustentada na experiência.

O entusiasmo inicial tem seu valor, mas a jornada pede também reflexão crítica, aprofundamento teórico e continuidade prática. Acreditar, por si só, não substitui conhecer. Tampouco acumular informações substitui a disposição de permitir que elas modifiquem nossa relação com a vida.

A história abre a porta; os fundamentos nos ajudam a atravessá-la. Na etapa seguinte, a atenção se volta para a cosmologia, a ética e o Caminho da Flor de Verbena. A passagem entre essas etapas preserva o mesmo propósito: formar uma relação com a Wicca que possa ser compreendida, escolhida e vivida.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Conteúdo introdutório da lição “Bruxaria & Wicca”, reorganizado e reescrito para esta sequência de estudos.

Leituras da bibliografia de formação

GARDNER, Gerald. *A Bruxaria Hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

GARDNER, Gerald. *O Significado da Bruxaria*. Madras, 2018.

MURRAY, Margaret Alice. *O Deus das Feiticeiras*. São Paulo: Gaia, 2003.

RUSSELL, Jeffrey B.; BROOKS, Alexander. *História da Bruxaria*. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

VALIENTE, Doreen. *Enciclopédia da Bruxaria*. São Paulo: Madras, 2009.

BUCKLAND, Raymond. *O Livro Wiccano de Bruxaria Solitária*. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 2022.

STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras: Guia de Rituais para Celebrar a Deusa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

A obra de Murray é indicada para compreender uma influência histórica sobre a formação da Wicca. Sua hipótese sobre um culto antigo contínuo requer a leitura crítica discutida nesta apostila.

Próxima etapa

Apostila 02 · A Flor de Verbena: fundamentos e compromisso com a Arte. Cosmologia, ética, história da Tradição de Taliesin, nove princípios e o percurso pelos cinco pontos do pentagrama.

